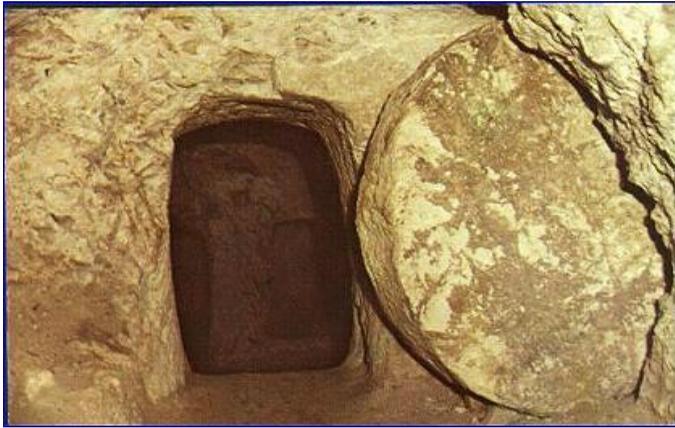


«a alternativa cristã é: ou a vida ou a ressurreição»

Pedro Casaldáliga, bispo



## Ressurreição: revolução na evolução

## Feliz Páscoa com alegria e esperança, para todos!

**P**ara o cristianismo, a cruz e a morte de sexta-feira santa não constituem a última palavra. A palavra derradeira que o Criador pronunciou sobre o destino humano é ressurreição. Por isso, a festa central do Cristianismo não é o Natal que celebra o nascimento do Libertador das gentes, nem a Sexta-feira Santa que comemora o martírio do Messias.

Se ele, após a crucificação, não tivesse ressuscitado, estaria, seguramente, no panteão dos heróis da humanidade, mas não teria uma comunidade que lhe conservasse a memória sagrada. Mas ele ressuscitou. É por esse motivo que o Cristianismo não celebra uma saudade do passado, mas festeja uma presença no presente.

Fique, pois, bem claro que, - ao contrário do que defendem os existencialistas modernos, ao afirmarem que somos seres para a morte - nós não vivemos para morrer; morremos para ressuscitar.

O que o Cristianismo tem a oferecer à humanidade, ao unificar-se como espécie é, fundamentalmente, isto: a promessa de ressurreição para toda a carne, para cada pessoa e para a criação inteira. Quem é que não quer viver para sempre e plenamente?

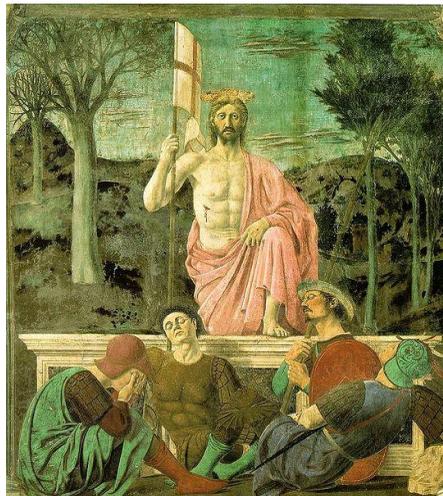
Mas é preciso compreender bem o que se entende por ressurreição, se quisermos captar toda a sua relevância universal.



Antes de mais nada, infelizmente, a ressurreição foi muito cedo abandonada como eixo estruturante da fé cristã. Foi substituída pelo tema platônico da imortalidade da alma. A ressurreição foi relegada para o fim do mundo, e deixou de ser considerada como algo a acontecer já na morte, como era a convicção da Igreja dos primeiros tempos. E como ninguém sabe quando se irá dar este fim do mundo, a ressurreição não representa um elemento portador de esperança de vida. É por isso que muitos cristãos, hoje em dia, vivem tristes como se assistissem ao próprio enterro.

Além disso, a ressurreição não é sinónimo de reanimação de um cadáver como o de Lázaro. Lázaro voltou à vida que tinha antes. Ora, esta vida é mortal, pois vamos morrendo às prestações, devagar, até terminar na morte. A reanimação do cadáver não nos liberta da morte. Lázaro morreu de novo e foi sepultado. E lá ficou definitivamente.

Ressurreição significa uma outra coisa. É a entronização de alguém numa ordem de vida onde não há mais nenhuma entropia nem nenhuma necessidade de morrer. É uma vida tão inteira que não é compatível com nenhuma brecha pela qual a morte possa entrar. É portanto, a realização da utopia de uma vida sem fim e absolutamente realizada. Tal evento bem-aventurado só é possível quando o processo evolutivo tiver chegado, por antecipação, à sua culminância, quando todas as potencialidades



do ser humano se tiverem absolutamente realizado. Trata-se, pois, de uma revolução na evolução. Daí implode e explode o ser novo que, embrionariamente, se vinha formando ao longo de biliões e biliões de anos, até fechar o seu ciclo de realizações. São Paulo diz que, com a ressurreição, irrompeu o “novíssimo Adão”.

Quando se fala assim de ressurreição, acredita-se que tal singularidade ocorreu em Jesus. As ervas não cresceram sobre a sua sepultura. Ela permaneceu aberta para proclamar o facto mais decisivo do universo: a superação da morte; mais ainda, a possibilidade real de transformação da utopia em tópia, dentro do horizonte cósmico e histórico: o triunfo do princípio de vida.

O que faz, concretamente, a ressurreição? Realiza, plenamente, a nossa essência que consiste em sermos um nó de relação e de comunicação voltada para todos os lados. A ressurreição suprime os limites de realização do espaço-tempo desse nosso nó, potenciando-o ao infinito, já que, por natureza, somos um projeto infinito. O corpo ressuscitado torna-se pura comunicação, e ganha uma dimensão igual à do cosmos. Por isso, o corpo ressuscitado enche todo o universo e ocupa todos os espaços.

Uma passagem do evangelho apócrifo de São Tomé, descoberta em 1945 no norte do Egito, põe o Ressuscitado a falar assim: "Tudo saiu de mim e tudo volta para mim. Racha a lenha e eu estou dentro dela. Levanta a pedra e eu



estou debaixo dela. Eis que estarei convosco todos os dias até o fim dos tempos". Quer dizer, pela ressurreição, Jesus ganhou uma dimensão cósmica. Ele está em todas as coisas, até naquelas mais comezinhas como cortar lenha e levantar pedras.

Pelo espírito, estamos na lua, no sol, nas galáxias mais distantes, estamos em Deus. Mas o nosso corpo não consegue acompanhar o nosso espírito. Fica enraizado no espaço e no tempo, agrilhado ao sistema da matéria. Voando à velocidade da luz, precisamos de oito segundos para chegar até ao sol, e três anos luz para atingirmos a estrela mais próxima, a Alfa do Centauro. O corpo ressuscitado supera a velocidade da luz. Ele está, imediatamente, no local onde está o teu desejo.



O corpo assume as características do espírito, e o espírito as do corpo. Não deixamos o mundo. Mas penetramos mais profundamente no coração do mundo, até àquele ponto onde tudo é um e para onde tudo converge, constituindo o Todo.

A humanidade que está em Jesus, está, também, em cada um de nós. Se nele se verificou um tal evento de bem-aventurança, é sinal de que ele vai acontecer também em nós. Jesus é, apenas, o primeiro entre muitos irmãos e irmãs, como atesta São Paulo. Todos nós o seguiremos e, da nossa forma especial, ressuscitaremos, também, como ele, na morte. Assim, como diz o grande bispo, profeta e poeta, D. Pedro Casaldáliga: **a alternativa cristã é: ou a vida ou a ressurreição.**

**Leonardo Boff**